

CULTURA E CIÊNCIA: A CRISE DOS PARADIGMAS

Solange Puntel Mostafa

Uma análise da cultura ajuda a entender a crise paradigmática da ciência: no recente filme *Forest Gump*, *A História da América* se confunde com a história de Gump. Há aí, implícita, uma certa concepção de história que está longe da concepção positivista a qual entende a História como retrato fiel dos fatos. Agora cada um pode contar a história e nesse sentido a história vira versão, relato, conto, narrativa. O subtítulo do filme é, aliás, "o contador de história".

Num mundo de versões e de histórias, qual delas 'retrata' o real?

É claro que cada um de nós é uma subjetividade, é um sujeito e um ego que pensa. Cada um de nós é uma história. (E o outro é outra história!). Mas é ilusório achar que o que vai na minha história não tem nada a ver com o outro. Ninguém faz história sozinho. Ninguém pensa no ar, sem concentração e linhas de pesquisa. Do contrário caímos no individualismo metodológico. No também recente filme *Assédio Sexual*, o assediado quer restabelecer a verdade, ao que lhe pondera o chefe: 'verdade... quem aqui está falando em verdade? o que temos é informação. Você tem a sua versão, ela tem a dela.'

Fechando a sessão de cinema, o filme *Tempo de Violência* mostra a cultura do nada. Os personagens não tem assunto. Eles conversam sobre nada com coisa nenhuma; discute-

se a massagem no pé da mulher do chefe. As histórias são apresentadas sem história. Uma das características mais marcantes da pós-modernidade é a permanente construção do presente. O passado e o futuro desaparecem e a gente vive num eterno presente. Portanto sem história. Se a academia ou as teorias sociais como a História Nova estão colocando a história de menor alcance, a arte tematiza a morte da história. Adriana Calcanhoto canta a sua música mas adverte o tempo todo que não quer cantar, que não quer fazer história, que não quer ser sujeito da história (nem objeto), que não quer ser sucesso, que não quer ser de categoria nenhuma. 'Minha música quer ser só música'. É como se as esperanças da modernidade de fato estivessem esgotadas. Esse mal-estar se coloca também entre os intelectuais da Universidade, hoje. Os intelectuais já fazem suas advertências em notas de rodapé: 'Minha reflexão não se prende a nenhuma teoria estabelecida'. (Os intelectuais do paradigma empírico-analítico, esses nem ousam falar em teorias; a sua teoria é uma revisão da literatura). Tudo isso é revelador: há um certo cansaço e desconfiança das coisas orgânicas ou organizadas, certo repúdio ao coletivo, repúdio a pro(jetos), repúdio a pro (jetar-se), a apontar caminhos. Caminha-se, mas sem querer andar. Teoriza-se mas reivindica-se a liberdade do ego pensante. Canta-se mas que bom se desse para não cantar. Que bom se a música não fizesse história. Mas a própria cantora revela, no final da canção, que a sua música não quer ser pouco. Quer ser só música. Ora, mas a música é cultura, é história, é sujeito, é objeto, é versão e é verdade. Somos condenados à liberdade, como dizia Sartre. O esgotamento e cansaço expressos na arte e na produção científica dos intelectuais expressa a busca de novos caminhos para a verdade. Verdade íntima, agora. Não universal. Adriana Calcanhoto não quer, quicá, que sua música seja objeto de estudo como a estudo agora. Ela não quer nunca ouvir análises intelectuais do tipo "música historicamente determinada pela condição pós-moderna do final do século!". A rejeição é quanto à universalização. Justamente em tempos de globalização. Nunca se chegou tão perto dos extremos: vivemos a um só tempo a globalização e a psicanálise. Mesmo diante de tal abrangência ou até por tamanha abrangência é que acredito que precisamos de fio teórico condutor. Mas esse fio não se escolhe no supermercado; os paradigmas não estão na prateleiras para agente escolher o de melhor qualidade. As crenças populares não se formam assim. São normas de conduta. É postura de vida. É jeito de viver.

PARADIGMAS COMO CRENÇAS

A gente vive de um jeito sempre muito parecido com o de nossos pais. Por quê? Porque o que nos é transmitido no berço vira verdade para nós. Verdades que nos são repetidamente apresentadas são de fato as nossas verdades. Como formar novas crenças?

Por que e como se difundem, tornando-se populares, as novas concepções de mundo? Essa pergunta traduz a preocupação de Antonio Gramsci na prisão de 1930 diante da derrota do comunismo na Itália e da ascensão do fascismo de Mussolini.

Onde foi que nós erramos? É outra pergunta que inspira o pensador sardo. E ele se põe a analisar os intelectuais. Primeiro por acreditar que não se faz intervenção no real sem uma elite de intelectuais. Mas o que são os intelectuais? Para responder essa pergunta nós já temos de fazer uma opção paradigmática. Se estamos no paradigma lógico-formal (nominalista), a consulta ao dicionário é suficiente. Pois no paradigma formal, o princípio da identidade identifica cada coisa com o seu nome. (Da mesma forma que na nossa carteira de identidade, o nome, a foto do rosto e as impressões digitais nos identificam). Mas se estamos num sistema de crenças dialético-materialista, o princípio da identidade é insuficiente. Eu sou e não sou ao mesmo tempo aquilo que sou. O princípio aqui é o da contradição. O nome é apenas uma forma e não expressa meu conteúdo.

Pois bem, quando Gramsci pergunta o que são os intelectuais ele pergunta pelo processo de produção dos intelectuais. **O que é do paradigma formal vira como foi produzido isto que é do paradigma dialético-materialista.** E Gramsci analisa a produção dos intelectuais italianos, analisando os movimentos sociais (dos quais destaca o movimento religioso e de como a Igreja forma os seus intelectuais pelos séculos afora).

Para que os intelectuais? Formam-se para quê, com que função? Para nos dar o fio condutor... Como se dá então essa passagem, essa transferência de informações entre o intelectual e aqueles que ele informa?

Claro que para que essa transferência de informações se faça sem ruídos, de forma eficiente e eficaz, no menor tempo e pelo

menor custo (como dita a ideologia informacional dos nossos tempos) é preciso que entre o intelectual e as massas não haja rupturas de intenções. Como manter essa unidade ideológica? A Igreja, conclui Gramsci, só consegue manter a unidade entre os seus intelectuais, os padres, e a comunidade de fiéis porque impõe sobre os seus intelectuais uma disciplina férrea, de modo que os intelectuais não se afastem muito do povo e vice-versa. Ela mantém a unidade mantendo os simplórios na condição de 'simples' e mantendo os padres na condição de padres, pastores de almas. Qualquer outra condição é repreendida com uma disciplina férrea. (O caso do Leonardo Boff fazendo uma teologia da libertação na América Latina dos nossos tempos e o seu subsequente silêncio obsequioso dá bem a dimensão de como o catolicismo faz a sua transferência de informações por séculos a fora).

É claro que a unidade ideológica entre os intelectuais e o povo é importante (aliás essa é toda a questão de Gramsci). Se não houver essa unidade, o intelectual fica falando sozinho. Ou o povo fica falando sozinho. (O povo ficou falando sozinho que Fernando Collor é culpado enquanto a ciência jurídica o inocentou). A ciência e a filosofia chegam ao povo mas chegam como elemento de fé. Como crença. O povo acredita (até agora) que Collor é culpado. Ciência jurídica nenhuma fa-lo-á mudar de opinião. Como se formou essa crença? Claro que não foi do nada. Houve indícios, indicações e indicadores, os quais trabalhados incansavelmente pela mídia, virou verdade para nós. A ciência jurídica? O povo não se importa nem um pouco com ela. O povo não alcança as razões da ciência jurídica. A nós pouco importou a deliberação dos juizes. Nossa ajuizada crença há muito havia deliberado: culpado.

Se o povo absorve a ciência e a filosofia de uma época como elemento de fé, como crença, cumpre perguntar: fé em que e em quem?

O homem do povo acredita no grupo social ao qual ele pertence, na medida em que o grupo social ao qual pertence também pensa difusamente como ele. O fato de ter sido convencido uma vez de maneira fulminante é a razão da persistencia da convicção. Por isso se quisermos transmitir novas crenças ao povo (tanto ao povo que está dentro das universidades, quanto o povo que está fora das Universidades) valem duas regras gramscianas: 1) não se cansar jamais de repetir os mesmos argumentos: a repetição é o meio

didático mais eficaz para agir na mentalidade popular; 2) trabalhar para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas o que significa trabalhar na criação de elites de **intelectuais de novo tipo** que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contacto com ela para tornarem-se o seu sustentáculo. É isso o que modifica o panorama ideológico de uma época.

Como transmitir novas concepções ao povo da Universidade e como esse povo se relaciona com o povo lá de fora da Universidade (o qual pode também já ter passado pela Universidade)?

O povo tem também seus meios de informação, meios que nós chamamos meios de massa. É nessa condição de algo que fica no meio que a indústria cultural deve ser analisada. A indústria cultural é a mediação entre os capitais particulares de um lado e o Estado de outro; ambos se utilizam dos meios do povo para veicular as suas mensagens.

Os meios de massa são os meios do povo. E ficam no meio do povo: as revistas, o jornal, a tv, as cacetadas do Faustão, as tardes de domingo, tudo isso é uma amadurecida indústria cultural que torna público o que é privado (através da propaganda) e que para isso precisa privatizar o público (os meios são de massa mas não da massa; a economia da informação é a área encarregada de analisar essa questão).

O povo da Universidade está encarregado de produzir teorias ou explicações do real. A Universidade tem que produzir teorias. Para isso ela existe. E a teoria é algo como amarração, portanto não é um pensamento comum, solto; a teoria necessariamente é a superação do senso-comum, do pensamento do povo. O povo também produz conceitos e explicações do real o tempo todo. Mas a nossa produção é científica.

A questão então é como que os saberes produzidos na Universidade podem se materializar em crenças e fazeres populares?

A reportagem da revista VEJA sobre o pensamento dos jovens hoje é a própria crise dos paradigmas. Mas a revista VEJA é meio de massa e portanto a discussão da academia chega lá mas chega como elemento de fé, como crença, como sentimento. A pesquisa usa uma metodologia frásica, isto é, as frases são apresentadas aos sujeitos para eles ticarem concordâncias e discordâncias.

O resultado é o que está na capa da VEJA (notem que a mensagem é condicionada pelo meio: o resultado tem que caber na capa; é a linguagem da mídia: rápida, fragmentada, superficial. É também a linguagem do homem do povo: rápido, fragmentado e superficial). O resultado é: EU SOU MAIS EU, POLÍTICA É O FIM, CONFORTO SIM, RIQUEZA NÃO, EU ACREDITO EM COMPUTADOR. O homem do povo lê isso e se convence de que essa geração está mesmo muito esperta. Já o homem da Universidade vai questionar a metodologia, os pressupostos teóricos e principalmente os resultados. De fato, cada item desse precisa ser historicizado e relativizado. Esoterismo em alta, religiosidade em baixa é outra das constatações da pesquisa. Uma parte disso é real, outra não (por isso é que é preciso da lógica da contradição e não da lógica da identidade). O esoterismo é uma forma apropriada de religiosidade. É certo que o Deus Pai, Todo Poderoso, criador de todas as coisas se fragmentou em deuses menores, nem tão poderosos, como a fada, o duende, os povos da floresta, o saci pererê e as bruxas. Cada deuzinho desse detém um certo poder e o jovem dos anos 90 reza para todos eles na cruz que traz no peito, no adesivo de duende, na pirâmide e nos talismãs. Mas então que história é essa de

"eu sou mais eu?" Eu sou mais eu, mosaico de crenças, combinações ou resíduos da nostalgia dos anos 60, a calça rasgada, cabelo ao vento, a moda retrô, com pedaços da década de 70 quando ainda tinha emprego no Brasil. Um pouco da eficiência dos yuppies dos anos 80, mais o rosto jovem de Fernando Collor, limpo, eficiente, indiferente à riqueza. Riqueza não, conforto sim. Mas como conseguir conforto sem riqueza? Só mesmo no pensamento comum dos jovens de classe média que não percebem o quanto já são abastados.

As mensagens veiculadas na mídia são para nós da Universidade fontes de reflexão. Mas não podem ser confundidas com a reflexão. Há, porém, dentro da Universidade, pensamentos que seguem certas direções, muito próximas àquelas do povo. É preciso então questionar não só a crença do homem do povo mas também a crença do homem da Universidade. Pois há muito de povo em cada um de nós.

A ideologia de uma época precisa ser questionada. Mesmo e principalmente a filosofia dos filósofos e a ciência dos cientistas. Porque elas vão ser depositadas lá no povo, residualmente, mais cedo ou mais tarde. E aí nós não notamos mais diferença entre o

pensamento do povo e o pensamento do homem universitário. A unidade ideológica completou o seu ciclo. Não há mais nada a fazer.

É interessante notar como os liberais são incansáveis na transferência das suas informações. Quem hoje é contra o discurso da **qualidade?** (Só um louco não quer a qualidade.) Um século inteiro foi preciso para que esse discurso virasse verdade para todos. Os teóricos liberais portadores desse discurso, principalmente os da Universidade, eles tem a sensação de que algo se repete, mas o quê? Antes mesmo de precisar historicamente essas idéias, elas já são atualizadas e rerepresentadas sem o menor constrangimento. Liberalismos no começo do século. Neo...liberalismos no final do século. Tanto mais que embutido no discurso da qualidade está o pós-fordismo e a flexibilidade das relações trabalhistas pós-modernas. O discurso dominante da produtividade está aí completando um século. Qualidade total.

O paradigma dialético-materialista não poderia considerar a qualidade desvinculada da quantidade. Por que será que o discurso que pegou foi o da qualidade e não o da **quantidade?** A exclusão da quantidade é clara. O discurso da qualidade não passa de um discurso legitimador da exclusão. A qualidade capitalista não pode incluir a quantidade, do contrário perde qualidade. Eis que a quantidade rege a qualidade capitalista. A qualidade, se bem analisada, é a fase informacional da quantidade. A qualidade é o marketing da quantidade; é a mercantilização da quantidade na sua conotação excludente e única. A qualidade é uma versão da quantidade. Não é a verdade da quantidade. Qualidade total não significa na lógica capitalista, qualidade para todos mas sim qualidade única, exclusiva para alguns.

Como adquirir novas verdades, novas concepções de mundo, novas qualidades ?